

Meu ipê.

Tenho um ipê no passeio em frente da minha casa. Não é um ipê qualquer. Não. Ele foi plantado por mim, há mais de trinta anos. Ainda pequeno, viajou comigo de ônibus, embalado num saquinho de plástico, vindo de Araçuaí, de onde minha família e eu regressávamos após três anos em missão no Vale do Jequitinhonha, pela PUCMinas.

Aqui foi tratado com muito carinho. Sempre cuidei dele, adubando e regando com frequência o local onde fora plantado. No tempo da chuva, enchia-se de folhas novas, dando à sua copa um tom de verde brilhante muito bonito. O tempo passava e... nada de flores. Só aquela copa arredondada, colorindo nossa porta.

Até que um dia me pus a ler sobre os ipês. *Os ipês florescem no tempo da seca, geralmente em agosto. Não gostam de muita água. Precisam da secura para florescer.*

Ah! Água, só no tempo certo. No estio, que fique seco. Assim fiz. Parei de regar em excesso o meu ipê.

O presente veio no ano seguinte. Em julho, pouco a pouco, foram caindo as folhas. Ficaram os galhos e ramos mais finos. De repente, uma profusão de flores amarelas, cor de ouro, numa exuberância de deixar-me extasiada. Nem uma folha sequer. Só flores. Um buquê gigante de flores amarelas foi o mimo que recebemos de presente. Uma maravilha de natureza. O ipê, na sua plenitude, dizendo a que veio. *Eu existo para ser flor, para alegrar e deixar extasiado quem é capaz de me enxergar. Agora, sou plenamente um ipê.*

Fiquei pensando: as pessoas são como os ipês. Devem receber aquilo de que necessitam e não o que pensamos que elas precisam. Assim também, elas podem ser plenamente elas mesmas.

Ana Maria Sarmiento Seiler Poelman

26-04-2020.